

Luiz Campos: Entre o Jornalismo e a Política em Fortaleza

Roberta Kelly Santos Maia

Resumo: O presente trabalho é fruto da pesquisa “*A Cidade do Jornalista*”: *Fortaleza Representada nos Artigos de Luiz Campos (1954-1956)*, que estamos realizando no programa do Mestrado Acadêmico em História e Culturas (Mahis) da Universidade Estadual do Ceará – Uece. Este artigo visa analisar as representações da cidade de Fortaleza produzidas pelo jornalista Luiz Queiroz Campos e como ele se utilizou do jornalismo para ingressar na política cearense nas décadas de 1950 e 1960. Luiz Campos ingressou no jornalismo impresso diário em 1954, no periódico matutino *Gazeta de Notícias*, onde publicava a coluna “*Considerações*”. Neste espaço do jornal, Luiz Campos, que era advogado de formação, escrevia sobre tudo, mas um dos seus temas preferidos de abordagem era a situação da cidade de Fortaleza. Ali, ele explorava a falta de qualidade do sistema de transporte urbano, o aumento do comércio ambulante e a sujeira que tomava as ruas da cidade, a expansão da violência, além do pouco investimento na indústria, das obras inacabadas, enfim, explorava tudo o que ele entendia como prejudicial para o desenvolvimento da cidade, sempre apontado as falhas da Prefeitura Municipal, fosse na gestão do prefeito Paulo Cabral de Araújo ou de Acrísio Moreira da Rocha. Com estes artigos, o jornalista, que já era filiado aos quadros do PSD cearense, se projetou politicamente, galgou cargos públicos em instituições como a Caixa Econômica Federal e o BNH e chegou a ser vice-prefeito eleito de Fortaleza na década de 1960. Assim, nossa pesquisa se propõe a perceber como este jornalista se utilizou destas representações de cidade feitas nos seus artigos para alcançar tais posições políticas e sociais. Para isso, tentamos seguir no esteio, principalmente, dos estudos de Roger Chartier sobre representações, bem como das idéias de cultura política de René Remond e Serge Berstein. Trabalhamos, para tanto, com uma análise minuciosa dos artigos de Luiz Campos, das cartas que ele recebia, das matérias publicadas em jornais que envolviam seu nome, no intuito de cartografar suas relações políticas e sociais, bem como identificar de que maneira seus escritos eram recebidos, principalmente, nos meios políticos, mas também pela sociedade consumidora do jornalismo impresso em Fortaleza. Para tudo isso nos utilizamos também da metodologia da História Oral, pois estamos realizando entrevistas com políticos e jornalistas da cidade neste período, além de entrevistas com o próprio Luiz Campos, que hoje está com 85 anos, a fim de esclarecermos algumas facetas da política cearense na época em questão. Este estudo é orientado pelo Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso e financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap.
Palavras-chave: Luiz Campos, Fortaleza, Jornalismo, Política.

Luiz Campos: Entre o Jornalismo e a Política em Fortaleza

Ora, isto não é vida – a vida do povo de Fortaleza...

Uma região pobre como a nossa, mas de gente que quer ir para diante, progredir, não pode, no entanto, realizar, na prática, o que pretende. Tudo é dificuldade, tudo é mal cuidado, tudo redundando em prejuízo para o povo da Capital cearense. A se fazer um exame consciencioso, isento de preconceitos, com sensatez e objetividade, fácil é verificar como as cousas aqui estão marchando de mal a pior, tudo se tornando mais difícil do que era antes.

Vejamos, então, como os fatos se registram. Paga-se um absurdo por um quiluote de energia elétrica, mas não temos energia. A cidade vive às escuras. Ninguém ouve rádio, as geladeiras não funcionam, as casas são iluminadas com candieiro (sic). As indústrias (as de maior possibilidades) são obrigadas a ter possantes geradores. O recibo do SERVILUZ, todos os meses, no entanto, não relaxa. É sempre aumentando...

(...)

Paga-se um imposto rigoroso de água e esgoto, no entanto não há nem água nem esgoto. Em plena Praça do Ferreira, a zona central da cidade – no ABRIGO para sermos precisos –, todos os estabelecimentos estão mandando fazer poços instantâneos e instalar bombas com motor, porque a adutora não faz chegar água aos consumidores. Vive-se, então o drama dos poços que secam, das cacimbas com pouca água, e as tremendas filas dos que pretendem um poço profundo, disputando a única perfuratriz que o DNOCS dispõe para tais serviços.

(...)

Paga-se um pesado tributo para a limpeza pública, mas a cidade vive imunda. Os “lixeiros” são sem conta, por aí afora, nos bairros. É muito rara a visita dos carros coletores de lixo das ruas afastadas do centro da cidade. De outra forma, os vendedores de avoantes, galinhas, caranguejos, seriguelas, sapotis, bananas, camarões, que se postam nas calçadas da Praça do Ferreira, provocam uma sujeira completa, sem quaisquer providências das autoridades. É como se isso não tivesse “dono”...

Paga-se telefone. Porém, é uma dificuldade fazer-se uma ligação telefônica em Fortaleza, principalmente nos dias de chuva. Dá uma pane geral...

Paga-se um imposto bem elevado para a caridade, mas o que se vê pelas ruas são os mendigos a esmolar. As tentativas de tais serviços sociais são passageiras e nada tem resolvido. A Santa Casa de Misericórdia, para quem deveriam ser destinadas as verbas de caridade, vive por um fio, devendo milhões e sempre na iminência de fechar suas portas. Mas, a cada entrada de cinema, o freguês contribui com 10 por cento para a caridade...

(...)

Enfim, paga-se para tudo e não se tem nada. A irresponsabilidade, a negligência, a preguiça, a desonestidade e o canalhismo estão avassalando tudo. O povo, porém, a sofrer¹.

Era com essas palavras que um jovem jornalista descrevia a Cidade de Fortaleza na metade da década de 1950. Luiz Queiroz Campos tinha 29 anos e havia ingressado no jornalismo impresso da Capital Cearense há poucos meses. Seu primeiro artigo na *Gazeta de Notícias*² foi publicado em 13 de novembro de 1954.

Nesse momento, a cidade vivia os últimos meses da administração de Paulo Cabral de Araújo³ e já havia elegido, novamente, Acrísio Moreira da Rocha⁴, que voltaria a ser Prefeito da Cidade no ano seguinte.

Filho de uma família humilde, do interior do estado, Luiz Campos tinha conseguido se formar em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1949, e trabalhava para a União das Classes Produtoras do Ceará⁵. Seu talento para o jornalismo foi

descoberto por José Afonso Sancho, um dos diretores da União das Classes, que o indicou para escrever artigos para a *Gazeta de Notícias*.

O nome dado à coluna que apresentava os artigos de Luiz Campos foi “Considerações”. No início, não havia uma página definida para a publicação dos artigos, que eram muito pequenos. As primeiras colunas foram assinadas por um misterioso LC, mas em pouco tempo, o jornalista se revelou, se firmou no jornal, as colunas aumentaram de tamanho e ganharam destaque no canto direito da terceira página do matutino.

Os temas abordados por Luiz Campos variavam. Em seus artigos, o jornalista fazia desde críticas aos governos municipal, estadual e federal, até elogios a aniversariantes. Entretanto, dentre os temas tratados por Luiz Campos, os problemas da cidade de Fortaleza predominavam.

Em seus artigos, como vimos no exemplo citado acima, o jornalista criticava reiteradamente o sistema de transporte urbano, a falta de energia, a sujeira das ruas, o comércio ambulante, além do aumento da violência na cidade que não parava de crescer:

Fortaleza experimentou um intenso crescimento populacional no intervalo de 1940 a 1950 (49,9%) e quase dobrou no período de 1950 a 1960, atingindo 90,5%. Este crescimento desordenado, resultado de sucessivas migrações campo-cidade provocadas pelos seguidos anos de seca durante a década, gerou grandes distorções, tanto do ponto de vista de distribuição espacial, como das funções desempenhadas pelos poderes públicos e do nível de vida da população, e colocando em cheque os equipamentos urbanos postos a sua disposição. A expansão desordenada da cidade deu início a formação de uma periferia constituída de vários núcleos populares, na sua grande maioria em péssimas condições de habitação. (RIBEIRO, 1994, p. 73)

Todavia, antes de entrarmos a fundo na discussão sobre a cidade que era representada a partir dos temas abordados nos artigos de Luiz Campos, é preciso salientar que, como todo jornalista, ele não era isento de subjetividade. Luiz Campos possuía anseios, inclusive políticos.

O jornalista, a esta altura, já fazia parte dos quadros do Partido Social Democrático (PSD) cearense, de onde o seu sogro, Plínio Câmara, era um dos líderes na região de Quixeramobim.

Sendo assim, não podemos nos furtar a idéia de que os artigos de Luiz Campos também contemplavam as inquietações de um homem que tentava se projetar no cenário político da Capital, talvez, até mesmo inspirado no sucesso do então prefeito Paulo Cabral de Araújo, que havia vencido a eleição, através do sucesso que fazia no rádio.

Somos levados, então, a pensarmos nas idéias dos estudiosos que se preocupam com uma nova percepção da história política, refletindo sobre este tema a partir da noção de “cultura política”, a qual entendem por

um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento da sua história. (BERSTEIN, 2009, p. 31)

Assim, não é difícil identificarmos, a partir dos próprios artigos do jornalista, quais eram suas posições políticas. Um dos alvos dele era o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que no Ceará era comandado pelo deputado federal Carlos Jereissati⁶, personalidade a quem Luiz Campos sempre alfinetava em seus artigos, lembrando aos seus leitores sobre alguns escândalos nos quais o político havia se envolvido.

Por outro lado, também é possível identificar a quem o jornalista se filiava, como outro deputado federal, Armando Falcão⁷, do PSD, político conservador sobre quem Luiz Campos fazia reiterados elogios e de quem recebia muitas congratulações, que eram sempre

publicadas em destaque pela *Gazeta de Notícias*, da qual muito rápido, o jornalista se tornou um dos diretores.

Interessante salientar, entretanto, que no Ceará, diferentemente do sul do país, não havia uma clara distinção das posições dos partidos políticos, que na época se identificavam como getulistas ou anti-getulistas. Aqui, existia uma verdadeira “dança das cadeiras”, de forma que os políticos migravam constantemente de partidos, além das diferentes coligações que se apresentavam a cada pleito.

Feitos estes esclarecimentos, voltemos aos artigos de Luiz Campos, nos quais ele apontava os problemas de Fortaleza independente de quem estivesse no poder, ou o udenista Paulo Cabral ou republicano Acrísio Moreira.

Para tanto, selecionamos alguns temas sobre os quais o jornalista mais se preocupava em apontar em suas colunas: o transporte urbano, o comércio ambulante e o lixo nas ruas, a falta de energia elétrica e a violência.

Logo nos seus primeiros artigos, o tema do transporte coletivo aparece várias vezes. Uma semana depois da estreia na *Gazeta de Notícias*, Luiz Campos já traça um perfil deste serviço na Cidade.

O artigo começa alertando para o sofrimento da população que precisa do transporte e tem de se submeter às intermináveis filas, ao sol ou à chuva, enquanto espera pelos coletivos:

A população de Fortaleza passa agruras, sofrendo nas filas, expostos ao sol escaldante ou à chuva (quando há inverno), vítima da crise de transportes coletivos. A cidade está crescendo, a população aumenta, e o problema do transporte do povo cada vez mais se agrava. As linhas de ônibus existentes, não suprem, em hipótese alguma as necessidades da população e o resultado é que as filas se tornam sem fim e o sofrimento, cada vez mais crucial⁸.

Depois, as críticas são para a má conservação dos ônibus, que, salvo alguns, segundo o jornalista, não poderiam nem estar trafegando pelas ruas de Fortaleza:

Por outro lado os coletivos que servem à população, são ônibus velhos, sujos, onde se nota o relaxamento da parte dos seus proprietários, sendo justo ressaltar excessões (sic), como a empresa Pedreira, de Jacarecanga, e a da São Francisco que faz a linha de Joaquim Távora. Há ônibus, como os da Empresa São Jorge, cujo estado de conservação e asseio são lastimáveis. Em muitos deles há umas vidraças nas janelas, que são uma verdadeira estupidez, para um clima como o nosso! Pois bem, os tais vidros nunca foram limpos, desde a construção do ônibus, e causam nojo. Os leitores, certamente, que já notaram isso, menos os responsáveis pela organização. Há outros ônibus que se submetidos a um exame rigoroso não se lhe poderia conferir autorização para trafegar com passageiros, principalmente, super-lotados, de tão velhos e acabados. São como latas velhas e, nas trepidações, não há quem possa agüentar a zuada (sic) de quanta táboa (sic) e parafusos soltos. Não estamos exagerando e esta é a verdade.⁹

A problemática das greves e paralisações do setor de transporte coletivo também era registrada por Luiz Campos:

Não se fala em outra cousa no seio do público – é a paralização (sic) completa dos ônibus. A população de Fortaleza está sem transportes. Cidade de 300 mil habitantes vive, agora, a maior intensidade de uma crise sem precedentes. O transporte é fator capital para quaisquer atividades, e dele é que pode depender o progresso. Uma cidade sem transportes significa que está condenada ao decréscimo e à estagnação. E esta é a situação de nossa Capital.¹⁰

Esta greve também é abordada na obra do historiador Gisafran Jucá (2000). Segundo ele, após a criação da Secretária Municipal de Transportes, em março de 1955, houve um pedido por parte dos empresários para aumento das passagens, o que foi concedido pela Câmara dos Vereadores. Entretanto, a população se manifestou contra, houve quebra-quebra e algumas empresas entraram em greve. Depois de acordos, a situação foi resolvida, entretanto novas agitações no setor continuaram acontecendo durante o restante da década 1950.

Outro alvo das linhas ferrenhas de Luiz Campos era o comércio ambulante, que se espalhava pela Cidade e atrapalhava os pedestres. O jornalista não se conformava com o espaço público das calçadas sendo tomado pelos camelôs, pela sujeira e prejudicando o comércio, que pagava altos impostos ao Poder Público.

O problema estendeu-se por tanto tempo, que Luiz Campos chegou a insinuar que Fortaleza ganharia o título de “Cidade do Lixo”, uma vez que a imundície reinava na Capital. À época, segundo ele, até porcos estavam sendo comercializados pelas calçadas de Fortaleza:

Ainda não faz muitos dias, constatamos a existência de uma feira de animais na calçada de um dos nossos melhores prédios residenciais, bem no centro da cidade, - a casa do Senador Távora. Lá havia uma dúzia de porcos e bacoarins estendidos no passeio; além de uma fila enorme de galinhas, capões, pirus, etc., sujando tudo, provocando uma fedentina “respeitável”. Em diversos pontos da cidade é comum encontrarem-se entulhos enormes de lixo podre, não só nos terrenos baldios, mas tomando as calçadas e o calçamento. Na Aldeota, o bairro que conta com excelentes residências, tais quadros são corriqueiros. É uma imundície completa, onde está faltando, já não a atuação do Serviço de Limpeza Pública (cousa que, praticamente, não existe) mas a própria ação das autoridades sanitárias do Estado.¹¹

A mesma situação é apontada no livro de Gisafran Jucá, quando ele mostra que

Na Praça do Ferreira vendia-se de tudo nas calçadas: frutas, camarão seco, pente fino, calças de mescla, espelinhos, toalhas de rosto, retoques de algodão, e nylon, pó de arroz e revistas velhas. Nas ruas ficavam os pipoqueiros, os assadores de castanhas, os boleiros e até vendedores de bacoarinhos. (JUCÁ, 2000, p. 71)

Segundo o historiador, as discussões sobre o que fazer para regularizar esse tipo de serviço foram intensas. A própria Câmara de Vereadores, a Prefeitura e as Secretarias de Polícia e Saúde Pública se utilizaram, no ano de 1953, de uma campanha nos rádios e jornais para acabar com esse comércio, o que parece não ter tido êxito, já que, como aponta Luiz Campos, as vendas nas calçadas já haviam chegado até a Aldeota, bairro dos mais nobres da cidade.

Para o jornalista, também prejudicava o crescimento de Fortaleza, a falta constante de energia elétrica, que atingia, tanto o cidadão comum, como o industrial, dificultando a instalação de um pólo industrial promissor na Capital:

É a falta de energia que priva de movimentação a pequena indústria de nossa Capital. Os industriais de reduzidos recursos estão piores do que a Prefeitura – em completo estado de desespero e falência, pois falta-lhes energia elétrica para movimentação de suas máquinas. Serrarias, carpintarias, pequenas fábricas, moinhos, oficinas mecânicas e de pintura, postos de lubrificação, tudo, enfim, vive em completo estado de estagnação, sem produzir, sem fazer negócios e a se encaminhar para a falência. E o SERVILUZ exige o pagamento em dia do consumidor que não consumiu coisa alguma, ou pelo menos, não conseguiu ganhar o suficiente para a quitação de suas contas¹².

Problema também registrado na obra de Gisafran Jucá, que fala até mesmo de uma pane, no ano de 1955, que teria deixado a cidade à mercê da lenha em um período de racionamento de energia elétrica.

Entretanto, esta não era a maior das preocupações de Luiz Campos. Mais que isso, o afligia o avanço da gatunagem em Fortaleza. Para o jornalista, a violência na Capital dava-se por vários motivos:

Verdadeira onda de assaltos, arrombamentos e furtos vem se registrando em nossa Capital, provocando um clima de apreensão e intranquilidade no seio da população fortalezense. Se, na verdade, chega-se a criticar a ação policial pela ineficiência das medidas repressivas tentadas ou postas em prática para defender a população dos crimes contra o alheio, não se pode negar a existência de uma série de fatores de outra ordem, que, aliando-se numa convergência única, constitui um problema dos mais sérios e delicados de caráter social e administrativo.¹³

Para Luiz Campos, na verdade, antes do problema da gatunagem, Fortaleza tinha o problema do policiamento, que, para o jornalista, era ineficiente.

Desta forma, o jornalista apresentava ao seu público leitor uma cidade-problema, onde muitos equipamentos não funcionavam a contento. Entretanto, entendemos esta cidade que Luiz Campos mostrava em seus artigos, como uma representação, como explica Rafael Sêga:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SÊGA, 2000, pp. 128-129)

Sendo assim, as representações não dizem respeito apenas sobre a descrição feita por um indivíduo ou grupo sobre a sociedade, a cidade, mas também daquilo que eles gostariam que essa cidade ou sociedade fosse, o que se liga perfeitamente a nossa pesquisa, pois reiteradas vezes o jornalista apresenta aos leitores formas de resolver os problemas de Fortaleza, como faz, por exemplo, no artigo de 20 de abril de 1955, quando sugere que o prefeito mude os horários de diversos serviços da cidade, como o comércio, para facilitar o trânsito:

A guisa de alvitre, arriscamos indicar a seguinte iniciativa a ser posta em prática: estabelecer horários que não sejam coincidentes, para o início das diversas atividades, com obediência ao seguinte: comércio em grosso e de ferragens – funcionamento de 7 às 10 e de 12 às 17 horas, comércio de representações, (escritórios, agentes, peças, acessórios, rádios, geladeiras, automóveis, etc.), de 7,30 às 11 e de 13 às 17,30 horas; por fim, comércio varejista, farmácias, casas de modas, sapatarias, etc, de 8 às 12 e de 14 às 18 horas. Isto não irá selecionar o problema dos transportes em nossa Capital, é evidente. Porém acreditamos que melhoraria muito as atuais condições de congestionamento nas ruas, por ocasião de se apanhar ônibus, pela manhã, ao meio dia e à tardinha.¹⁴

Mais interessante ainda é perceber que o jornalista se mostra desprezioso ao sugerir isso, dizendo que “não temos outras pretensões nisso, a não ser colaborar com as autoridades num caso que entendemos pertencer a todos”¹⁵. Assim, Luiz Campos tenta mostrar ao público que não tem interesses pessoais ao sugerir essas mudanças estruturais na cidade.

Entretanto, através das reflexões de Roger Chartier e Pierre Bourdieu sobre leitura em debate publicado no livro “Práticas da Leitura”, os estudiosos apontam que como historiadores devemos pensar o texto de várias maneiras: como uma instrução, como uma indicação de formas de agir ou fazer.

Assim, todos os detalhes que permeiam os textos devem ser questionados: os usos de pontuação, as letras em maiúsculo, os títulos e subtítulos, que, para Pierre Bourdieu “são igualmente uma manifestação de uma intenção de manipular a recepção. Há portanto uma maneira de ler o texto que permite saber o que se quer fazer que o leitor faça” (BOURDIEU, 2001, p. 235)

Desta forma, questionemos a intenção que tinha o jornalista ao se mostrar sem maiores pretensões. Não seria o contrário? Afinal, já sabemos dos interesses que permeavam a escrita de Luiz Campos, que não tardaria mesmo a chegar a Prefeitura Municipal de Fortaleza, na década seguinte.

Então, ao apresentar ao público estas idéias já poderia ser um indício de intenções, sejam elas no âmbito político, ou mesmo jornalístico, ao sair à frente dos colegas ao propor tais atitudes para as autoridades, pois seguindo no esteio do que é pensado por Bourdieu

O fato de que uma coisa que era oculta, secreta, íntima, ou simplesmente indizível, mesmo que não recalcada, ignorada, impensada, impensável, o fato de que essa coisa torne-se dita e dita por alguém que tem autoridade, que é reconhecido por todo mundo, não somente por um indivíduo singular, privado, isso tem um efeito formidável. (BOURDIEU, 2001, p. 244).

Sendo assim, questionar também quem era o público que recebia essas informações, que tinha acesso a essas representações de cidade, é outro interesse de nosso estudo, já que, tomando por base as reflexões de Antônio Cândido, entendemos que “o público é o fator de ligação entre o autor e sua própria obra” (CÂNDIDO, 2006, P. 38).

Entretanto, antes de tentarmos visualizar a inserção dos artigos de Luiz Campos em meio a um público devemos esclarecer que nem todos os tipos de leitura e leitores são iguais:

a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais (7), uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. O procedimento supõe o reconhecimento de diversas séries de contrastes. De início, entre as competências de leitura. A clivagem, essencial porém grosseira, entre analfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. (CHARTIER, 1991, pp. 178-179)

Assim, acreditamos que se os artigos de Luiz Campos não fossem lidos, não haveria sentido em escrevê-los. Desta forma, buscamos perceber de que maneira podemos mostrar esse vínculo entre autor e público. Infelizmente, poucas são as cartas de leitores publicadas pelo jornalista. Durante os dois anos nos quais escreve as colunas diariamente apenas três cartas foram selecionadas por Luiz Campos para serem apresentadas a seu público leitor.

Todavia, é possível percebermos a inserção de seus artigos nos meios políticos e sociais através do próprio jornal, quando traz matérias, notas e até mesmo editoriais sobre a figura do jornalista, mostrando alguns casos em que seus artigos tem repercussão, por exemplo, nas casas legislativas, como a situação onde um deputado que tece elogios ao jornalista em sessão da Assembléia Legislativa pela publicação de um artigo no qual Luiz Campos pedia às autoridades a construção da Cidade Universitária.

Já se nos ativermos às cartas publicadas pelo jornalista, uma em especial chama bastante atenção. É a carta de um pai que, preocupado com uma série de acidentes envolvendo atropelamentos de crianças nas portas das escolas recorre ao jornalista para que ele faça um apelo às autoridades para que se resolva este problema.

A carta, primeiramente publicada em 15 de abril de 1956, é republicada cinco dias depois, segundo o autor, teria sido republicada a pedido de seus leitores. Coincidência ou não, no dia 30 de abril, Luiz Campos traz a triste notícia de que mais uma criança havia morrido em um atropelamento em frente a uma escola e lembra a carta publicada em sua coluna dias antes, mostrando que, mesmo com seus constantes alertas, as autoridades não haviam tomado as providências necessárias para resolver este grave problema.

Aqui, então, nos lembramos da leitura de Giselle Venâncio (2007), quando aborda os prefácios dos livros de Oliveira Vianna. A autora mostra que nesses prefácios, o escritor

estava sempre procurando uma auto-afirmação, produzindo uma escrita de si, no sentido de dialogar com seu leitor, mostrar suas posições, reafirmar posições, idéias, responder críticas.

Neste sentido, podemos perceber que Luiz Campos tinha uma metodologia que se aproximava de Vianna, não tanto pelo diálogo com o leitor, mas pelo fato de estar sempre retomando em novos artigos idéias esboçadas em artigos já publicados, fato muito marcante quando o jornalista pensa, por exemplo, a questão das obras inacabadas que proliferam na cidade, como o Estádio Presidente Vargas, a Catedral Metropolitana de Fortaleza e o Cine São Luiz. Em um primeiro artigo, ele mostra um panorama geral de como (não) estão estas obras:

Há em Fortaleza uma série de cousas que não tem fim...

Dá início a seriação o Porto do Mucuripe, onde já foram gastas importâncias fabulosas, sem qualquer resultado prático. Agora, o porto passa para outra fase de construção, com a aplicação das recomendações técnicas do Laboratório de Grenoble.

Em seguida vem o edifício do Cine São Luiz, cuja obra está se tornando uma atração turística, não pela imponência ou detalhes arquitetônicos da obra (inexistentes), mas pelo record (sic) de morosidade que registra.

A Catedral Metropolitana é construção para ser inaugurada fora do nosso tempo. É provável que os netos dos nossos netos venham presenciar as festas majestosas que, certamente, assinalarão o fato.

O prédio do Liceu do Ceará é um caso de lamentar. Entra governo e sai “desgoverno” e, não obstante, às sucessivas promessas, o edifício do nosso colégio oficial continua com as mesmas instalações deficientes, precárias, aguardando que algum dia surja alguém menos relaxado com as obras públicas.

(...)

Há ainda o Estádio Presidente Vargas, que nada tem de estádio, a Colônia de Psiquiatras, a sede do Clube Iracema, a estrada que liga Parangaba a Messejana, etc.¹⁶

Pouco tempo depois, o assunto é retomado e o jornalista faz questão de salientar nas suas primeiras linhas que vai voltar a tratar de idéias que já foram alvo de seus comentários, começando o artigo com as seguintes palavras: “não é sem razão que voltamos a comentar...”¹⁷ e, daí, tece novas críticas a construção inacabada do Cine São Luiz e da Catedral.

O mesmo procedimento, de reafirmação de suas idéias, acontece com outras temáticas, inclusive políticas, quando em diversos artigos Luiz Campos vai chamar a atenção de seus leitores para que não esqueçam dos crimes de enriquecimento ilícito que, segundo ele, teriam sido cometidos pelo então deputado federal Carlos Jereissati¹⁸.

Para finalizar, é importante salientar que a pesquisa segue na tentativa de identificar ainda mais características da escrita de Luiz Campos e suas intenções no momento de escrita e publicação destes textos que representavam a cidade de Fortaleza, assim como decifrar as relações autor-leitores.

Como tentamos esboçar neste pequeno artigo, estamos na busca por mostrar como esse sujeito social se inseriu na sociedade fortalezense, a partir do jornalismo, e galgou cargos políticos, chegando até mesmo a ser eleito vice-prefeito de Fortaleza em 1962, por isso o interesse em refletir sobre a cultura política, as representações, as práticas de leitura e publicação de textos, bem como a metodologia a ser aplicada no trabalho, inspirada, por exemplo, nas leituras sobre micro-história, onde podemos identificar as várias maneiras de ir decifrando os personagens de um período, as peças de um quebra-cabeça a ser montado, no intuito de contribuir para a construção de uma releitura da cidade de Fortaleza na década de 1950.

Referências Bibliográficas

BERSTEIN, Serge. Culturas Políticas e historiografia. In.: AZEVEDO, Cecília (et al.). *Cultura Política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural* (debate). In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria Literária e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990

_____. O Mundo como Representação. In.: *Estudos Avançados* 11 (5), 1991.

FARIAS, Airton de. *História do Ceará: Dos Índios à Geração Cambeba*. Fortaleza: Tropical, 1997.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e Reverso do Perfil Urbano de Fortaleza (1945 – 1960)*. São Paulo: Annablume, 2000.

MESQUITA, Vianney & CARVALHO, Gilmar de. *Estudos de Comunicação no Ceará*. Fortaleza: Edições Agora, 1985.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985.
_____. *Governo Rui Barbosa: 1950 – 1954*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.

NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Arquivo Público do Ceará, 2006.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de e ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Exercícios de Micro-história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

REMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SÊGA, Rafael Augustus. *O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici*. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

SOUZA, Simone de. *Fortaleza: A gestão da cidade (uma história político-administrativa)*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994.

VENÂNCIO, Giselle Martins. “A utopia do diálogo: os prefácios de Vianna e a construção de si na obra publicada”. In.; GOMES, Ângela de Castro e SCHIMIDT, Benito Bisso. *Memória e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Vida em Fortaleza. In.: *Gazeta de Notícias*, 13 abr. 1955, p.3.

² O periódico matutino *Gazeta de Notícias* foi fundado em Fortaleza, a 10 de julho de 1927, por Antônio Drumond. Em 1930, o fundador do jornal foi assassinado na redação do jornal. Após a morte de Drumond, o

periódico teve diversos diretores, como Antônio Drumond de Miranda Filho, Joaquim Juarez Teixeira, Olavo Euclides de Araújo, Dorian Sampaio, Luiz Campos e Darcy Costa. Em 1972, o controle acionário, que era de J. Macêdo, passou para o Grupo de Comunicação “O Povo”, tornando o periódico um semanário. Pouco tempo depois, acabou extinto.

³ Paulo Cabral de Araújo era um famoso radialista de Fortaleza e elegeu-se Prefeito pela União Democrática Nacional, a UDN. Administrou a Cidade de 1951 a 1955.

⁴ Acrísio Moreira da Rocha era agropecuarista e odontólogo. Foi Interventor do Estado do Ceará, por 26 dias, em 1946. Elegeu-se Prefeito de Fortaleza em 1947, cumprindo mandato de 1948 até 1951. Voltou a ocupar o mesmo cargo de 1955 a 1959. Primeiramente, membro do Partido Social Democrático, de onde seu pai, Manuel Moreira da Rocha, era um dos líderes, fundou seu próprio partido, o Partido Republicano, quando se elegeu Prefeito Municipal.

⁵ Fundada em 2 de dezembro de 1952, por iniciativa dos empresários José Afonso Sancho, Patriolino Ribeiro de Sousa e Aduino Barreto, a União das Classes Produtoras do Ceará, reunia os líderes classistas do Estado.

⁶ Pai do ex-Governador e ex-Senador Tasso Jereissati, o deputado Carlos Jereissati faleceu aos 47 anos, em 1963. Era acusado de enriquecimento ilícito por fraudes na extinta CEXIM.

⁷ Armando Falcão ganhou notoriedade como Ministro da Justiça do Governo Geisel, quando criou a Lei Falcão, que limitava a propaganda eleitoral, a fim de deter as oposições a ditadura militar.

⁸ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Transportes Coletivos. In.: *Gazeta de Notícias*, 21 nov. 1954, p.3.

⁹ Idem.

¹⁰ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Os ônibus e a Impunidade. In.: *Gazeta de Notícias*, 4 maio 1955, p.3.

¹¹ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A Cidade do Lixo. In.: *Gazeta de Notícias*, 28 abr. 1955, p.3.

¹² CAMPOS, Luiz. “Considerações”: A situação da pequena indústria. In.: *Gazeta de Notícias*, 24 maio 1955, p.3.

¹³ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Gatunagem – Problema do momento. In.: *Gazeta de Notícias*, 17 nov. 1954, p.8.

¹⁴ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Como melhorar uma situação. In.: *Gazeta de Notícias*, 20 abr. 1955, p.3.

¹⁵ Idem.

¹⁶ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Cousas Inacabadas. In.: *Gazeta de Notícias*, 25 nov. 1954, p.3

¹⁷ CAMPOS, Luiz. “Considerações”: Uma atração turística. In.: *Gazeta de Notícias*, 23 jan. 1955, p.3

¹⁸ Como exemplo podemos citar o artigo intitulado “Desconsiderações”, publicado em 12 de março de 1955.